

DISRAELI - O HOMEM QUE SABIA QUERER

Pelo

Ten.-Coronel LIMA FIGUEIRÊDO



Benjamin Disraeli, ainda fedelho, já pensava em ser o primeiro homem de sua terra. Parece que nasceu com esta pretensão. Tinha dotes intellectuais para, bem moço, exercer posição elevada no governo da Inglaterra, mas seu nascimento humilde atrazou-o cerca de vinte anos, obrigando-o a desenvolver ação fenomenal para atingir os postos que os de feliz nascimento galgavam, exclusivamente, por influência do nome paterno. Sua origem semítica foi obstáculo for-

davel à ascensão que ele sempre sonhou. O argumento — judeu — era demasiado forte para afastá-lo dos píncaros fulgurantes das elevadas investiduras.

Desde menino não sabia grangear simpatia. Jactava-se de muita sapiência, e para tudo arrebítava o nariz. Até seus vestuários eram extravagantes. Mergulhava a cabeça nos livros e fugia, medrosamente, das mulheres. Era um belettrista, e nos seus devaneios costumava dizer: — Na Câmara dos Comuns usarei o estilo de Byron, e na dos Lords, o de Milton — “D. Juan” e “O Paraíso Perdido” eram seus livros prediletos.

Apesar do gênio esquisito que possuía, foi íntimo de dois monarcas: Luiz Filipe e Napoleão III, além da rainha Victoria, a quem chegou a fazer uma declaração amorosa. Auxiliado por uma senhora conseguiu uma cadeira no Parlamento, onde estreou auspiciosamente fazendo discursos sensacionais e enfrentando, galhardamente, todos os adversários que dele zombavam. No dia da estréia quasi não pôde acabar a oração, pois a cada frase que pronunciava correspondia uma gargalhada zombeteira dos seus pares. Venceu devido ao excepcional sangue frio de que era dotado e à mirabolante flexibilidade de raciocínio que confundia a todos.

Casou-se com a mulher que o ajudara a subir — a viuva Mary-Ann, doze anos mais velha do que ele. Para muitos esse casamento cheirou a caça de dinheiro para saldar suas enormíssimas dividas. A esposa de Disraeli era uma ótima criatura, se bem que pouco ilustrada e duma educação singelíssima. Era a companheira de que precisava o irrequieto deputado. Certa vez perguntaram a Disraeli se não se envergonhava de possuir uma mulher tão "gaffeuse", tão pouco preparada. Ele respondeu que Mary-Ann era um complemento da sua vida, sentia necessidade dela, e, por gratidão ao que lhe fizera, quando se sentia escorraçado por todo o mundo, amava-a apaixonadamente. Dificil encontrarem-se duas creaturas que se entendessem tanto. Mary-Ann ficava até alta madrugada esperando o marido para alimentá-lo convenientemente e encorajá-lo para as lutas próximas. Um dia esmagou um dedo ao fechar a portinhola do carro; mesmo assim ficou, sentindo dores atrozes até de manhã, com alguns alimentos no colo.

Depois de haver contribuido para a vitória de Sir Robert Peel, batalhando na primeira fila com as armas poderosas do seu verbo candente e da sua argumentação vivaz, viu-se preterido por outros que haviam trabalhado muito menos. O choque fôra tremendo. Nunca imaginara tamanha ingratidão. Escreveu a Peel e este respondera-lhe laconicamente, lanceando mais profundamente seu coração. Se não fosse o ânimo forte da esposa talvez succumbisse.

Permaneceu — ao contrário do que todo mundo esperava — no mesmo partido, votando com o primeiro ministro. Aguardava o momento propício para desferir o golpe que deveria jogar por terra aquele que zombara e quasi ruiira todo o edificio levantado com tanto carinho desde o berço. O momento azado chegou célere e Disraeli foi nomeado ministro das Finanças do incompreensivel Lord Stanley, que fôra o principal causador de ser o nome de Disraeli riscado do gabinete Peel. Rapidamente se esquecera que havia dito abandonar a pasta que lhe fôra oferecida por Peel, se o maroto Disraeli fizesse parte do ministério. A verdade era que ninguem desejava ter na opposição um homem da envergadura férrea do intelligentissimo judeu.

As sentenças proferidas por Disraeli são formidaveis. “A vida é tão curta que chega a ser pequena”. “O homem nasceu para crer e, se nenhuma Igreja se apresentar para guia-lo com as credenciais da verdade apoiadas na tradição das éras sagradas e na convicção de inumeras gerações, ele encontrará altares e idolos no seu próprio coração e na sua própria imaginação”. “Uma nação é uma obra d’arte e um resultado do tempo”. Argumentando sabia sentença André Maurois entre outras coisas diz “A grandeza da Inglaterra deriva, principalmente, não de seus recursos naturais, que são mediócrs, mas de suas instituições. Os direitos dos ingleses precederam cinco séculos aos direitos do homem”.

Em uma festa, uma filha dum adversário político perguntou sua opinião acerca de certo ministro estrangeiro. Com um sorriso irônico que só ele sabia dar, respondeu-lhe: “Ele é o homem mais perigoso da Europa, excetuando a mim — como dizia seu pai — ou excetuando seu pai como preferiria eu dizer”.

Nunca houve ministro mais combatido no Parlamento, apesar da dedicação desenvolvida e ânsia de acertar. Pelo trabalho e lealdade tornou-se Disraeli amigo íntimo de Lord Derby. Este, sentindo-se doente, indicou à rainha o nome do seu grande amigo para primeiro ministro, que foi aceito depois de algumas restrições feitas pela imperante. No dia em que atingiu as culminâncias do elevado cargo — sonho embalado desde a infancia — Disraeli estava radiante. Ao ser felicitado pela bela vi-

tória obtida, disse entre alegre e zombeteiro: — “E’ verdade! Cheguei ao tope deste pau de sebo”. Toda a população recebeu com festas a nomeação de Disraeli, principalmente a mocidade entusiasmada e inflamada pelos seus discursos magistrais pronunciados na Câmara dos Comuns.

Facil foi a conquista da amizade da rainha — o ministro sabia querer — aproveitando o ensejo que se lhe apresentou relativo à morte do príncipe Alberto, seu esposo, fazendo-lhe excelente panegírico na Câmara dos Comuns, o qual comoveu grandemente o coração amantíssimo de Vitória I. Desde esse dia cresceram as relações entre a rainha e seu primeiro ministro. Contudo a vida tem suas alternâncias e, sem que Disraeli esperasse, foi derrotado nas eleições e teve que abandonar o pomposo cargo. Almejando causar enorme contentamento a sua Mary-Ann, obteve para ela o nobre titulo de viscondessa Beaconsfield, permanecendo ele ainda misturado na massa plebéa.

Voltou novamente para a luta, enfrentando seu inimigo de sempre: o másculo Lord Gladstone, que nas horas vagas se divertia derrubando grossas e copadas arvores. Escreveu nesta ocasião um romance: Lotário — um jovem inglês, fantasticamente rico, extraordinariamente belo, era disputado por tres beldades: a Igreja Romana, a Revolução Internacional e a Tradição Inglesa. O amoroso rapaz fez pender seu coração para Lady Corisanda — a bela figura de mulher que encarnava a Tradição Inglesa, isto é, a Igreja Protestante. Este livro fez successo descomunal, e as palavras Lotário e Corisanda entraram em circulação desabusadamente. As crianças que nasciam, os cavalos de corridas, os nôveis artigos de perfumaria, as embarcações dos ricos, enfim tudo recebia aqueles nomes. Segundo Maurois até a América sentiu o contágio da lotariomania, que consistia em fazer guerra à Igreja Romana dentro da Inglaterra, em virtude do desejo ardente de Gladstone em separar a Igreja do Estado na Irlanda, para cessar a luta religiosa que muito abatia o prestigio dos governos.

Depois de trinta anos de doce convívio, perdeu Disraeli sua bondosa companheira. Para ele isso constituiu um desastre irreparavel. Gladstone, obumbrando os ódios políticos, escreveu-lhe

uma confortadora epístola: — “Casámo-nos, creio eu, no mesmo ano; foi-nos dado a ambos gozar durante um terço de século uma felicidade incomparavel”. Após a morte da esposa, o nosso herói sentiu que no seu coração ainda lavrava a chama escarlate e quente do amor e se pôs a amar, como o não fizera na juventude.

Duas senhoras já idosas que conhecera na infância, se bem que irmãs, experimentaram, ao mesmo tempo, o amor abrasador do velho que, reconhecendo o ridículo das suas aventuras amorosas, dizia: “Estou convicto de não existir maior desgraça que a de ter-se um coração que não quer envelhecer”. E, contentando-se com a desgraça que o acometia, acrescentava: “Vivi bastante para saber que os crepusculos do amor têm seus esplendores e suas riquezas. Talvez haja mesmo nos velhos maior avidez de felicidade”. Nem a própria rainha escapou de seu insulto amoroso e, num belo dia, enviou-lhe uma carta namorada que, se não teve resposta satisfatória, também não foi repelida como insolente.

Mais uma vez se vê Disraeli guindado aos pináculos do poder e agora num momento em que o mundo se agitava em violentas convulsões marvocianas. A Rússia queria dominar o mundo. A Alemanha com Bismarck à frente também desejava empunhar o cetro do mando universal. Era mistér na testa do governo inglês um homem da envergadura de Disraeli que não fosse submergido no mar tempestuoso da política mundial.

Neste ambiente de confusão, o primeiro ministro revelou-se o formidavel homem de Estado que era. Segurou firme o leme da Inglaterra sem ouvir aos que lhe faziam guerra — uns por sua inação e outros por desejar desencadear uma encarniçada chacina mundial. Nada o fazia desviar da rota traçada.

Na guerra russo-turca, sem nunca ter visto um mapa, foi ele que traçou o limite entre as duas nações, não permitindo que a Turquia desaparecesse do número das nações européias. Garantiu o caminho para as Índias e Austrália, adquirindo ao queda do Egito o maior número de ações referentes ao canal de Suez; e pela neutralidade conservada e proteção velada dada aos turcos, recebeu destes a ilha de Chipre, de grande valor estratégico.

De volta da conferência de Berlim, onde discutiu a valer com Bismarck e com o representante russo, teve uma recepção verdadeiramente apoteótica. O povo freuiu de entusiasmo pelo regresso daquele que conseguiu terras e concessões sem derramar uma única gota de sangue. Disraeli várias vezes durante a conferência aumentou o valor das suas argumentações, enviando navios para o local da luta e mobilizando várias classes de cidadãos. Soube colocar as baionetas apoiando suas palavras convincentes mas não onipotentes,

Disraeli desviou suas vistas para o exterior, enquanto na poderosa ilha continuava a política de "limpador de esgoto" na execução da divisa: "Sanitas sanitatum et omnia sanitas". Na segunda ascensão ao poder, Disraeli transformara totalmente seus hábitos — era agora uma múmia sempre com os braços cruzados, a cabeça encolhida, os olhos semi-cerrados e o semblante afadigado. Mesmo assim, muitas vezes o ardor da discussão lhe dava o ar de lutador intemerato de outrora. E ele vibrava, como se tivesse o esplendor dos seus vinte anos.

Pelas vitórias obtidas, recebeu o título de conde de Beancosfield e o cordão azul da Ordem da Jarreteira. Em compensação defendeu e obteve para o monarca o sublime e grandioso cognome de "Rainha e Imperatriz".

Muito ficou devendo a Inglaterra ao seu dinâmico ministro. Resolveu ele com mestria a situação política do Canadá; firmou os domínios ingleses no sul da África, levando a guerra aos zulús. Apesar disto tudo, foi derrotado mais uma vez por Gladstone. . . Não há nada mais incompreensível do que o povo. . .

Ingressou na Câmara dos Lords e no mesmo dia entregaram-lhe a direção da casa, como demonstração pública do alto conceito que ali desfrutava. Escreveu novo romance para dar o que fazer ao seu espírito acostumado a grandes e movimentadas locubrações.

A 19 de abril de 1881 deixava o mundo com uma coragem inaudita o conde de Beaconsfield. A rainha não se achando em Londres, mandou-lhe duas corôas de primaveras colhidas no momento com as seguintes inscrições, escrita uma delas pelo seu próprio punho: "Suas flores prediletas" e "Testemunho de afei-

ção verdadeira, de amizade e de respeito". Ao regressar à capital fez todo o percurso do cortejo fúnebre a pé e mandou erigir à sua própria custa um monumento, colocando na base do mesmo o seguinte epitáfio:

"À querida e venerada memória de Benjamin, Conde de Beaconsfield, dedicou este monumento sua reconhecida soberana e amiga — Vitória R. I. Os reis amam os que dizem a verdade — Salmo XVI-13".

Na sua fleugma característica o povo britânico sabe venerar os grandes homens e ainda hoje o monumento de Disraeli, na entrada da primavera, se cobre, encantadoramente, com suas flores prediletas.



GILLETTE AZUL
o melhor lamina
até hoje fabricado

BARBELINO
AFFIRMA!

Gillette

C-10